

# INSTITUTO ADOLFO LUTZ

100 ANOS DO LABORATÓRIO  
DE SAÚDE PÚBLICA

EDIÇÃO COMEMORATIVA

ORGANIZADORES:

José Leopoldo Ferreira Antunes

Cláudia Barleta do Nascimento

Lúcia Castilho Nassi

Neus Pascuet Pregnolato

Secretaria de Estado da Saúde  
INSTITUTO ADOLFO LUTZ

1992

## ADOLPHO LUTZ\*

(1855 - 1940)

Luiz Fernando Ferreira da Silva\*\*

Que eu vos prometo, filha, que vejais  
Esquecerem-se Gregos e Romanos  
Pelos ilustres feitos que esta gente  
Há-de fazer nas partes do Oriente.  
“Os Lusíadas”, Luis de Camões.

Autoridades presentes  
Senhor Presidente  
Meus senhores e minhas senhoras

Eu ouvi falar do Dr. LUTZ, menino ainda, nas histórias que me contava EDUARDO MARQUES, meu parente, que freqüentou o Instituto, nos tempos heróicos — nos tempos de OSWALDO. Lá escreveu sua tese de doutorado em 1907.

Nos jardins da casa de meu tio, EDUARDO TINOCO, na rua Visconde de Caravelas, em Botafogo, nas tardes de sábado, essas histórias me fascinavam. Já disse uma vez, que foram elas, bem como a leitura de “*Caçadores de micróbios*” de PAUL DE KRUIF, que definiram a minha vida profissional antes mesmo de entrar para a Faculdade de Medicina.

O Dr. LUTZ aparece depois, nas conversas com GUSTAVO DE OLIVEIRA CASTRO, com LOBATO PARAENSE, ARI MIRANDA, HUGO SOUZA LOPES, HERMAN LENT e muitos outros.

A imagem que me transmitem é quase sempre a mesma, varia pouco. Sábio, excêntrico e irreverente. Difícil no trato, mas apesar disso fascinante.

Certa vez, o diretor do Instituto, acompanhando ilustre figura da política nacional, um senador, entra no laboratório do Dr. LUTZ, que está ao microscópio.

\* Palestra proferida ante a Sociedade Brasileira de Dermatologia, São Paulo, 7 de agosto de 1901

Com certa timidez, pede que mostre o laboratório ao visitante. LUTZ, sem levantar o olho do microscópio responde:

— *“Precisamente o VENÂNCIO vai mostrar, porque eu estou muito ocupado”*.

Do VENÂNCIO, voltaremos a falar mais tarde.

\* \* \*

ADOLPHO LUTZ nasceu no Rio de Janeiro no dia 18 de dezembro de 1855. PEDRO II tinha trinta anos, reinava há quinze. Era louro, de olhos azuis, um Habsburgo, e gostava de estudar.

Menino ainda, escreveu à madrastra: *“Sua ternura materna ... adivinha os meus gostos: nada realmente me pode ser mais agradável do que aquilo que se relaciona com o estudo”*.

Não tinha portanto a cara do Brasil, mas penso que tinha a alma. Amava esse país, e era amado. Penso que o mesmo acontecia com o Dr. LUTZ.

Era o Brasil rural, dos barões do café, que vão continuar barões, mesmo depois da Proclamação da República.

Do padroado. Das procissões e festas de Igreja. Do poder moderador. Dos liberais e dos conservadores. Já havia a lanterna mágica e as primeiras caricaturas. Mas ainda viria ANGELO AGOSTINI e BORDALO PINHEIRO. A primeira estrada de ferro e a iluminação a gaz tinham sido inauguradas apenas um ano antes.

A guerra do Paraguai só viria muito depois. SOLANO LOPES andava pela Europa, aprendendo boas maneiras e seduzindo Mme. LINCH.

MACHADO DE ASSIS era menino ainda. Portanto, nem HELENA, nem IAIÁ GARCIA, nem QUINCAS BORBA, nem CAPITU ou o Conselheiros AIRES.

É verdade que em ciência, já tínhamos a Viagem filosófica de ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA e a Flora fluminense de frei JOSÉ MARIANO DA CONCEIÇÃO VELOSO.

\* \* \*

Foi para esse Brasil que tinham vindo, pouco tempo antes, os pais do Dr. LUTZ, GUSTAVO LUTZ e MATHILDE OBERTÄUFFER, ambos suíços.

Relatam os biógrafos, que seu avô foi cirurgião nas campanhas napoleônicas, e que os LUTZ figuram desde 1559 entre as famílias ilustres de Berna, com direito ao voto e ao uso de armas.

Em 1857, os pais regressaram à Suíça, onde permaneceram até 1864, voltando então ao Brasil. LUTZ entretanto permaneceu na Europa, on-

de fez seus estudos secundários e universitários. Só vai regressar já formado, depois de freqüentar os centros científicos mais importantes da Europa.

\* \* \*

Em Brasil, Gerson — Histórias das ruas do Rio — leio na página 381: “*Na Farani, morava o Senador CRISTIANO OTTONI, primeiro diretor da Central do Brasil e D. MATHILDE LUTZ, mãe e avó de cientistas dos mais ilustres, tinha o seu colégio Suíço-Brasileiro*”.

Pertinho da casa de minha avó, depois de meus pais. Rua da Piedade, hoje Clarice Indio do Brasil. Ali passei a minha infância. Não havia mais a casa dos LUTZ, mas o colégio e hoje Universidade Santa Úrsula.

\* \* \*

Estudos portanto na Europa, 1857 — 1881, a segunda metade do século XIX.

É a Europa *belle époque*”, “*fin de siècle*”. Além de Berna, Brasília, Leipzig, Praga, Viena, Londres e Paris.

MacNALL BURNS se refere a esse período dizendo:

“*Seria justo e acertado aplicar aquele termo (Revolução Intelectual) ao progresso intelectual verificado entre 1830 e 1914*”.

Na *Biologia*, “*A Origem das Espécies*” é de 1859, e depois os trabalhos de WEISMANN, De VRIS, HUXLEY e HOECKEL.

Os livros “*Enigmas do Universo*” e “*Origem do Homem*” encantaram tardiamente, é verdade, os meus dias de adolescente. Pensava ingenuamente nessa época, que ali estava a Resposta.

E sem esquecer o nosso FRITZ MÜLLER — protegido da Princesa — o da lei biogenética fundamental. Foi chamado por DARWIN, o príncipe dos observadores. Correspondência com os grandes centros científicos da Europa. Como LUTZ, mais tarde. FRITZ MÜLLER de Desterro, Santa Catarina, como HOECKEL de Berlim e HUXLEY de Londres. Recebe convites da Europa:

— *Uma cátedra em Berlim?*

— *Não, prefiro ensinar os meninos daqui. Além do mais, eu gosto de andar descalço.*

Transcrevo de mestre OTTO BIER: “*No dia 30 de abril de 1878 foi apresentada à Academia de Ciências de Paris, a sensacional comunicação de PASTEUR, JUBERT e CHAMBERLAND sobre a teoria dos germes*”.

LUTZ é estudante de medicina, já em fim de curso, na Suíça. Diploma de Médico em 1878. Doutor em Medicina, após defesa de Tese em 1880. Além de estudos especiais de Biologia, de Ginecologia e Obstetrícia,

\* \* \*

E são também o tempos de ZOLA, de HUGO, de ANATOLE FRANCE. IBSEN escreve "*Casa de Boneca*" e TOLSTOI nos lega a genialidade de "*Guerra e Paz*". Em Paris os impressionistas revolucionaram a pintura. Na Alemanha, a filosofia de NIETZSCHE, a música de WAGNER. E RUDOLF VIRCHOW, mestre que se movimentou, sempre elegante e seguro, nos meandros da patologia celular, na antropologia física, na política e até mesmo nas barricadas de rua.

E é dessa Europa «*belle époque*» que vem as atrizes do Teatro lírico e do São Pedro de Alcântara — gordinhas, sucesso absoluto.

E vão contribuir muito para civilizar o nosso país. É com elas que os maridos das outras aprendem francês, modos elegantes, a escolha do bom vinho e como segurar a taça de champanhe. Em casa, transmitem os conhecimentos às «*virginais*» esposas. No fim, todos saem ganhando.

\* \* \*

Nessa época, LUTZ já publica os seus primeiros trabalhos científicos. Estudante ainda. Antes do regresso ao Brasil. E aí, já fica patente o seu ecletismo científico.

Do magnífico trabalho da Dra. MARIA DEANE transcrevo:

«*O grande naturalista era também clínico e higienista. Sua vasta cultura, sua formação médica e seu espírito humanitário levaram-no a encarar as helmintoses como problemas médicos, econômicos e sanitários, para os quais esforçava-se para encontrar soluções*».

De biologia, as publicações sobre os crustáceos dos arredores de Berna e Leipzig.

De medicina o artigo sobre Bronchite fibrinosa. E estuda ainda os efeitos terapêuticos do Quebracho colorado, que vai ser o tema da sua tese de doutorado.

Depois da defesa da tese, sagrado doutor por Berna, uma viagem pelos centros científicos da Europa e o regresso ao Brasil. De navio, evidentemente.

\* \* \*

1881 — Está de volta. Presta exame para revalidação de diploma. O direito de exercer a profissão no Império do Brasil. Ainda Império. Mudou um pouco, mas não muito. Afinal de contas, já se disse, o século só vai terminar em 1914.

É verdade que já havia o clube republicano e o movimento abolicionista se tornava cada dia mais forte. Apesar do quebra-quilos, já tinha-

mos nos incorporado ao sistema métrico decimal. PEDRO II já tinha viajado pelos Estados Unidos e Europa. Já tínhamos a Escola Tropicalista Bahiana.

\* \* \*

Apesar da aparência européia, penso que LUTZ tem a alma tropical. E é por isso que volta. Certamente não teria dificuldade em se fixar na Europa. Uma cátedra universitária ou no exercício da clínica.

Mas volta.

De uma história contada por OLIVEIRA CASTRO. Certa vez, em viagem pelo interior, a pé, fazem pausa para descansar. LUTZ abre um pacote com bananas e começa a comer. Famintos, os outros olham com avidez.

— *Ah! Os senhores gostam de bananas?*

— *Sim Dr. LUTZ, gostamos muito.*

— *Da próxima vez, façam como eu, tragam bananas.*

É aventureiro, viaja muito. É gozador, tem humor.

Sábio estrangeiro, pretensioso e pedante está de visita ao seu laboratório. LUTZ faz-lhe uma série de perguntas, às quais o visitante vai ficando pouco a pouco sem resposta.

Constrangido reclama:

— *O senhor está me sabatinando.*

Ao que ele responde:

— *E precisamente o senhor está se saindo muito mal.*

Um pouco cáustico é verdade. Mas no ponto. E com graça.

\* \* \*

Em 1882, clínica em Petrópolis. E é a Petrópolis Imperial. Em «*Petrópolis antigamente*» CHARLES DEINLOP nos conta como se chegava lá, nessa época:

*«A Prainha propriamente dita era um braço de mar entre o Arsenal de Marinha e os trapiches com pontas de madeira ao longo da Saúde. Havia aí um estrado flutuante da Companhia de Navegação a Vapor e Estrada de ferro de Petrópolis denominado Trapiche Mauá, onde atracavam as barcas, que faziam o percurso até o porto de Mauá, situado nos fundos da baía, no Município de Magé.*

*Em Magé, os passageiros baldeavam para o trem que os levava até a Raiz da Serra. Daí seguiam em diligência ou a cavalo, pela estrada de rodagem até Petrópolis. A viagem portanto era feita por três vias: marítima, férrea e rodoviária*

*Os trabalhos de construção da linha entre Raiz da Serra e Petrópolis*

reiro de 1883 assentaram-se os últimos trilhos e no dia seguinte chegava a Petrópolis o primeiro trem, conduzindo S.M. O Imperador».

Iluminação, nem a gaz. Era azeite mesmo. Nem o palácio de cristal.

\* \* \*

Mas lá só fica um semestre. Depois, Limeira. Ainda o exercício da clínica. Vai a Hamburgo (1886) para pesquisas sobre a lepra, com UNNA. Volta para São Paulo. 1891-1892 está no Havaí, onde desenvolve estudos sobre lepra, tema constante na sua vida profissional. E é lá que vai encontrar a enfermeira inglesa, por quem se apaixona e com quem se casa. Em fins de 1892, está em São Francisco da Califórnia. Leio na minha Enciclopédia Britânica: «*San Francisco — graças ao ouro, o comércio da região expandia-se, o que provocou o aparecimento de empresas marítimas e o desenvolvimento da indústria da construção naval. Elevada a cidade em 1850. Em 1869 chega à cidade a primeira ferrovia transcontinental e começam a surgir indústrias.*

*Como conseqüência do ouro, fundam-se os primeiros bancos».*

Não sei porque, mas me lembra HUMPHREY BOGARD em «*O Tesouro de Sierra Madre*». Viagem ao Rio São Francisco, à Venezuela, ao nordeste, ao rio Paraná, Buenos Aires. Assunção. Espírito aventureiro. Sem dúvida.

Em 1893 dirige o Instituto Bacteriológico. Fundado em 1892, quando São Paulo cresce economicamente. Industrializa-se. Da França vem FÉLIX LE DANTEC para a direção, mas volta logo depois. LUTZ assume a direção, e com EMÍLIO RIBAS, então diretor do Serviço Sanitário do Estado, desenvolve a Saúde Pública em bases modernas.

São os estudos sobre o cólera asiático. As «*febres paulistas*» diagnosticadas como febre tifóide. A peste no porto de Santos. A febre amarela — quando LUTZ e RIBAS se deixaram picar pelos «*Aedes*» infectados, repetindo as observações recentes da comissão americana em Cuba, segundo as propostas de FINLAY.

É época de trabalho intenso. De disputas na Sociedade Médica.

O Instituto vai ser fechado em 1925 para ser reaberto em 1931, transformando-se em 1940 no Instituto Adolfo Lutz.

Do Instituto Bacteriológico originaram o Instituto Butantan de São Paulo e o Instituto Vital Brazil em Niterói.

\* \* \*

Em 1908, a convite de OSWALDO CRUZ, LUTZ vem para o Rio. Um Rio que tinha mudado muito, e há pouco tempo. Por causa de OS-

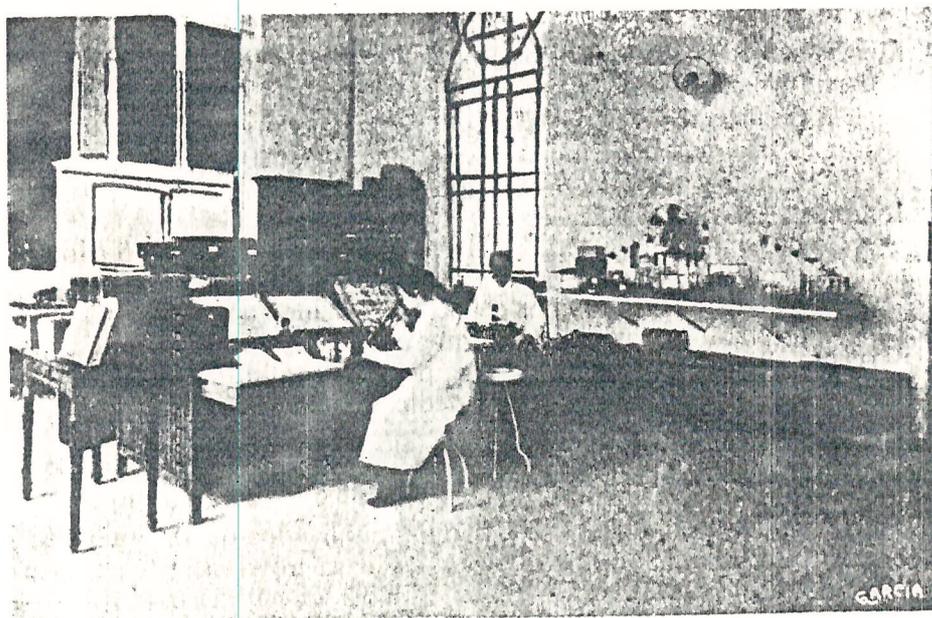
WALDO e de PEREIRA PASSOS. A rua do Ouvidor já perdia prestígio para a avenida Central. Já tínhamos o Teatro Municipal.

Lembro-me de minha avó, contando histórias da Proclamação da República e da passagem do século. Compras na Europa pelo Colis-Posteaux. O geleiro, o balde de fazer sorvete e o periquito que tirava a sorte.

LUTZ veio para Manguinhos. Já é um homem maduro, com mais de 50 anos, e cientista respeitado no mundo inteiro. É o Manguinhos do apogeu. Do recente trabalho de ARAGÃO sobre o ciclo evolutivo do *Hemoproteus columbae*, das campanhas de vacinação, e em pleno processo de estruturação. Doença de Chagas, só no ano que vem.

Foi nesse Manguinhos, onde se chegava de barca ou de trem, que ele finalmente se instalou. Apesar de algumas viagens é aí que vai trabalhar, e intensamente, como sempre, até o final de seus dias em 1940.

Contava HUGO SOUZA LOPES que, já cego, no final da vida, mantinha-se atualizado com as últimas descobertas científicas. A BERTHA lia para ele.



Laboratório do Dr. Adolpho Lutz em Manguinhos. Rio de Janeiro.

\* \* \*

Afinal de contas é o castelo de sonho. O sonho de OSWALDO. Há alguns anos atrás escrevi:

*«Mas houve tempo também para sonhar um castelo das mil e uma noites. Pura poesia, solenidade de cantochão, de mistura com sensualidade moura. Como não ser sensual, quando se tem sangue português, e ainda por cima se vive nos trópicos. Os cardeais da clínica já pontificavam: no Brasil é preciso pensar sifiliticamente.*

*Poesia em pedra, em argamassa, em tijolos de Marseille, em azulejos portugueses, em louça inglesa. E a quatro mãos, com o português LUÍS DE MORAIS. E sem verba, ou melhor, com verba desviada do Serviço de Saúde Pública. E a grandes custos — tudo caro.*

*Afinal de contas, uma síntese do que havia de melhor d'além e d'aquém mar».*

\* \* \*

Na biografia de LUTZ, publicada nas Memórias do Instituto Oswaldo Cruz em 1956, o autor divide a sua vida profissional em três fases:

1879-1892 — vive do exercício da clínica. Seus trabalhos científicos são feitos nas horas vagas, resultado de observações clínicas e biológicas.

Contava certa vez o Prof. HAITY MOUSSATCHÉ, que numa das primeiras reuniões com MIGUEL OSÓRIO, para organização do laboratório de Fisiologia em Manguinhos, o mesmo disse:

— *«Temos uma tesoura e uma pinça. No mangue existem sapos. Vamos começar a trabalhar».*

E foi o início de uma série de trabalhos sobre a respiração cutânea nos anfíbios.

Assim os primeiros trabalhos de LUTZ. Olhando como até então ninguém tinha olhado, e vendo coisas que ninguém até então tinha visto.

1893-1908 — primeiro como vice, depois como diretor do Instituto Bacteriológico de São Paulo. Muito dedicado às questões de Saúde Pública e epidemiologia.

1908-1940 — quando, vindo para o Instituto Oswaldo Cruz, dedica-se fundamentalmente à pesquisa científica.

No final, há referência a 200 artigos publicados de 1878 a 1939.

São trabalhos de pesquisa que vão desde um novo método para tratamento do empiemas, aos estudos já referidos sobre crustáceos cladoceros.

Passando pela medicina veterinária — campo em que é pioneiro entre nós — onde estuda entre outros problemas, a osteoporose do cavalo e a epidemiologia do *«mal de cadeiras»*.

Em 1907, publica no Diário Oficial do Estado do Pará: *«Estudos e observações sobre o quebrabunda ou peste de cadeiras»*.

O método de sedimentação, usado para o exame parasitológico das fezes, tão simples e tão eficiente, foi descrito por LUTZ em 1919. No entanto tem sido referido com frequência, como método de HOFFMANN, PONS e JANNER, em função de um trabalho desses autores, aparecido 15 anos depois.

Em 1936 LUTZ escrevia: «o germe considerado como causador da lepra ... já em 1886 propus para o mesmo e o germe da tuberculose, o nome generico de *Coccothrix* o qual tem prioridade sobre o nome *Mycobacterium* cujo uso é geral».

Do trabalho sobre ankylostoma duodenale e ankylostomiase, publicado no Brasil Médico de 1887 e 1888 trancrevemos:

«Também notou (GRASSI) que um ankylostomo, transportado para o espaço lábio gengival, dele mesmo, se agarrou à mucosa e que depois de destacado, apareceu no lugar um ponto vermelho.

Repeti essa experiência, com o mesmo resultado, mas não consegui fazê-lo agarrar-se outra vez depois de destacado.

Na falta de outros exemplares vivos, não me foi possível avaliar a quantidade de sangue chupado, o que seria muito interessante.

O Prof. FLAMÍNIO FÁVERO escreveu: «É essa a única forma de experiência humana que a ética tolera, as feitas pelo pesquisador em si mesmo».

E teve também auto experiências com febre amarela.

Uma nota de rodapé nos trechos publicados em 1888 nos chamou a atenção: «O Brasil Médico, apesar de divorciado das questões políticas, pelo seu caráter puramente científico e profissional, não pode calar-se diante do grandioso ato que suprime a escravidão, e jubiloso congratula-se com a pátria brasileira, que hoje, de frente erguida pode penetrar no gremio das nações livres e civilizadas».

Em 1888 ainda o trabalho sobre «*Hypoemia intertropical e sua origem*». 1891, disenteria amebiana. A esquistossomose, os tabanídeos e os escorpiões, a malária das florestas, os nódulos justa articulares, a blastomicose sul americana (doença de LUTZ), os anfíbios anuros, etc... Em 1939, um ano antes de morrer, aos 84 anos, publica seu último trabalho, nas Memórias do Instituto Oswaldo Cruz. A transmissão da lepra pelos mosquitos e sua profilaxia.

A produção é vasta e eclética. Seria exaustivo enumerar, impossível comentar.

NEIVA escreveu: «Em 1878, uma sociedade de naturalistas de Berna premiava a primeira comunicação científica de ADOLPHO LUTZ. Cinquenta e sete anos depois, o Instituto Oswaldo Cruz continua a assistir o quotidiano e ininterrupto trabalho do homem predestinado que exerceu papel dos mais salientes, no desenvolvimento da medicina e realizou entre nós. obra do mais alto alcance social e científico, lutando tenaz-

\* \* \*

A Revista do Instituto Adolfo Lutz, no vol. 15 n.º único, publica uma coletânea, assinada por diversos especialistas sobre os diferentes aspectos da obra científica do mestre.

Uma análise crítica, das diferentes e múltiplas especialidades a que ele se dedicou.

ARIOSTO BÜLLER SOUTO, diretor do Instituto Adolfo Lutz na época, abre a série com um trabalho de apresentação.

Aí assinala: *“as qualidades de biólogo e de médico, coexistiam com as de patologista e de higienista”*. Também patologista. Fazia autópsias. E ainda: *“Suas publicações de data mais próxima estão relacionadas com observações realizadas em épocas muito anteriores”*. Os temas voltaram. Era a sua maneira muito própria de trabalhar.

Segue *“ADOLPHO LUTZ, entomologista”*, por JOHN LANE. Primeiro, um depoimento carinhoso:

*“Tive o ensejo de conhecer ADOLPHO LUTZ, quando trabalhamos no Rio de Janeiro, junto à Fundação Rockefeller. Tal encontro se deu através do meu velho amigo GUSTAVO DE OLIVEIRA CASTRO. Reunimo-nos no laboratório de ARTHUR NEIVA e seguimos depois para o almoço no refeitório do Instituto Oswaldo Cruz.*

Foi essa a oportunidade que tivemos de conhecer pessoalmente uma das maiores figuras da entomologia médica mundial. Meses depois eu voltava para São Paulo e, após alguns anos, falecia LUTZ.

Esse almoço ainda está bem vivo na minha mente, pois LUTZ então quase octogenário, nos relatou com impressionante minúcia suas clássicas pesquisas sobre a febre amarela e malária, recapitulando observações, lembrando particularidades e datas.

Impressionante sua inteligência lúcida, aliada a uma memória fantástica. Era de pasmar, pois tratava-se de um pesquisador cuja atividade foi empregada nos mais variados ramos de investigação, e cujo trabalho entomológico era apenas uma parte de suas múltiplas preocupações”.

E, além da análise das contribuições, duas passagens chamam a atenção:

*“Lutz freqüentemente usava a palavra — precisamente — que pronunciava de maneira interessante. Não poderia escolher melhor cacoete, pois essa palavra deveria exprimir algo profundamente arraigado em seu subconsciente”*.

E mais adiante: *“Mas todos que conheci e que trabalharam com LUTZ tinham por ele quase que veneração”*. Era ranzinza, mas mesmo assim será amado.

MARCELO O.A. CORRÊA escreve sobre *“ADOLPHO LUTZ, protozoologista”*. E são os comentários, enriquecidos por citações de passa-

gens dos artigos de LUTZ, nos estudos sobre amebíase, malária, tripanosoma equina, esporozoários, etc...

"ADOLPHO LUTZ, bacteriologista" é assinado por AUGUSTO TAUNAY. Ressaltando as contribuições à Saúde Pública, assim se refere: *"O problema das meningites bacterianas, das pneumonias, da influenza, das moléstias venéreas e muitos outros assuntos ligados à etiologia bacteriana das infecções, são também abordadas em todos os seus relatórios, demonstrando o grande auxílio que o Instituto Bacteriológico vinha prestando à Saúde Pública"*.

O artigo seguinte é de HASSIB ASHCAR, "ADOLPHO LUTZ, micologista". Entre a série de estudos sobre esporotricose, actinomicose bovina, etc., o trabalho de 1908: *"Uma micose pseudococcidica localizada na boca e observada no Brasil. Contribuição ao conhecimento das hyphoblastomicoses americanas"*.

Segue o trabalho de MARIA DEANNE, "ADOLPHO LUTZ, helmintologista". O pioneirismo de LUTZ, transparece na seguinte passagem:

Referindo-se à: *"escassíssima contribuição zoológica brasileira do século XIX, MELO LEITÃO (1937) cita apenas, além de uns poucos trabalhos de zoologia, os estudos de parasitologia de MAGALHÃES e de LUTZ"*. E segue toda uma análise, feita com a competência que sempre a tem distinguido em sua vida profissional, dos estudos sobre ascaris, ancilostoma, fasciolose, esquistossomose, etc.

AFRÂNIO DO AMARAL assina o artigo seguinte, "ADOLPHO LUTZ, zoólogo". Aí estão comentados os estudos sobre os escorpiões, os ofídios, para em seguida referir: *"Todavia a sua contribuição mais extensa e valiosa ao capítulo da sistemática e biologia de vertebrados, diz respeito aos anuros"*.

E mais adiante: *"Já bastante idoso e com a visão muito comprometida, ADOLPHO LUTZ — que, ao realizar tantas observações sobre a biologia dos nossos batráquios, encontrou a ajuda eficiente de seu dedicado auxiliar JOAQUIM VENÂNCIO — a partir de 1937, passou a receber a prestant colaboração de sua filha, a conhecida bióloga Dra. BERTHA LUTZ"*.

"ADOLPHO LUTZ, sanitarista" é escrito por JOSÉ DE TOLEDO PIZA. Faz referência ao "poeta-secretário", como chama a VICENTE DE CARVALHO e a importância do Instituto Bacteriológico nos trabalhos de Saúde Pública em São Paulo.

Mestre FLAMÍNIO FÁVERO intitula o seu artigo "ADOLPHO LUTZ, sábio". E faz referência aos filhos de LUTZ: *"Se, entretanto, não tive a ventura de aproximar-me dele para aplaudi-lo, cabe-me a honra de merecer a amizade de seus dois filhos, nomes festejados no mundo culto, dignos continuadores do prestígio paterno: a Dra. BERTHA LUTZ e o Prof. GUALTER ADOLPHO LUTZ"*.

Finalmente, CÍCERO NEIVA escreve sobre "ADOLPHO LUTZ e a Medicina Veterinária". Fazendo breve e clara retrospectiva sobre o ensino da Medicina Veterinária e o seu desenvolvimento no Brasil, analisa as importantes contribuições de LUTZ.

Como vimos, o mestre busca uma visão ampla do mundo. Não se satisfaz com pouco. Quer saber tudo. E não só de Medicina e Biologia. Sua cultura ampla se evidencia em relato de época. Nas excursões a pé, quando cansado, costumava sentar-se em baixo de uma árvore e declamava HOMERO no original. Era repousante. Para ele.

Contra os especialistas afirmava:

— *"São uns seres felizes, presumem saber ilimitadamente todo o setor científico em que trabalham e se arrogam o direito de poder ignorar tudo o mais"*.

Contava o CASTRO que, certa vez, em viagem de estudos pelo interior, chegam a uma pequena vila. São recebidos com entusiasmo. Médicos de Manguinhos. Ainda bem. Um caso de parto complicado. A parteira não consegue resolver.

Os jovens cientistas que o acompanham se entreolham, literalmente apavorados.

Tranquilo, LUTZ entra na casa. Examina a mulher e faz o diagnóstico: apresentação podal. Executa as manobras necessárias. A criança nasce.

Do lado de fora sentenciava:

— *"Precisamente, todo médico tem que ser capaz de resolver situações como essa"*.

\* \* \*

Penso que o universo de LUTZ foi bem mais amplo do que, em geral, enfatizam os seu biógrafos. Poliglota, era ele que fazia as versões dos artigos das Memórias para o alemão ou inglês. Latim, grego e francês.

Música sem dúvida, pois GUALTER ADOLPHO, seu filho, que foi meu professor de Medicina Legal na Faculdade de Medicina, havia ganhado prêmios como violinista na juventude. Grande figura na especialidade, excelente professor, apesar da timidez, era fascinante. Contou-me o Prof. PAULO LACAZ, que já próximo da morte, vinha se dedicando a uma nova tradução de HOMERO. Nenhuma das existentes, em nenhuma língua, o satisfaziam.

LUTZ tinha também preocupações sociais. Homem de idéias avançadas, incomodava muitas vezes por suas atitudes. Uma amizade sincera o uniu por muitos anos ao seu auxiliar JOAQUIM VENÂNCIO.

Quando a Fundação Oswaldo Cruz, na administração de SÉRGIO AROUCA, criou uma unidade para formação de pessoal de nível médio

e auxiliat, já tinha um patrono natural. Ninguém discutiu, chamou-se Escola Politécnica Joaquim Venâncio.

Quando o Dr. LUTZ ficou muito velho e doente, nem assim parou de trabalhar. Quando precisava sair do laboratório para fazer capturas nos mangues dos arredores, o robusto VENÂNCIO o carregava nas costas. Isso poderia parecer prepotência às gerações de hoje.

Mas compreende-se melhor se nessa história for contada junto com outra, passada poucos anos antes.

Foi quando o rei ALBERTO veio ao Brasil, em 1922. Criou-se a Universidade do Rio de Janeiro, para dar um título honorífico ao ilustre visitante. E como ele tivesse que transitar pela rua do Catete, criou-se a zona do Mangue, tirando os prostíbulos, do ilustre trajeto.

A rainha era naturalista amadora. Fez-se então uma comitiva para acompanhá-la em passeio a cavalo, pelas florestas dos arredores. LUTZ, muito contrafeito, foi incluído no grupo. E como não podia deixar de ser, o VENÂNCIO vai junto.

Nesse tempo, as mulheres montavam de lado na sela.

A primeira dificuldade surge, quando uma das damas da rainha, querendo mostrar-se gentil, aproxima seu cavalo, ao do sábio caturra e procura puxar conversa:

Sem ouvir o que lhe foi perguntado, LUTZ pontifica, dirigindo-se à jovem:

— *«Precisamente os homens é que deviam montar de lado, porque as mulheres não têm certos órgãos que ficam amassados contra a sela».*

Essa, foi o Dr. LOBATO quem me contou.

Mas isso não é o mais importante. O mais importante é que, quando chega a hora do almoço, preparam-se duas mesas para o pic-nic. Uma para a rainha, as damas e demais pessoas de bem. Outra para os criados.

Enfurecido, LUTZ protesta:

— *«Precisamente ou me sento eu e o VENÂNCIO na mesa de cá, ou eu e o VENÂNCIO na mesa de lá».*

Acredito também que LUTZ tivesse preocupações políticas. Sabendo-se da forte relação com a filha Bertha, é difícil imaginar tamanha vocação política, sem a influência do pai.

Formada em Ciências pela Sorbonne e em Direito no Rio de Janeiro, BERTHA foi ativista política, tendo sido eleita deputada em 1936. Muito ativa, na liderança do movimento feminista. Em 1920, com MARIA LACERDA DE MOURA, fundou a liga para Emancipação Intelectual da Mulher. Eram as sufragistas. Além disso, suas contribuições ao estudo dos anfíbios anuros.

EDUARDO CORRÊA LIMA contou-me que, certa vez, durante um Congresso no Museu Nacional, ele se dirigiu a BERTHA. Queria conhecê-

— «Eu não o conheço e agora estou muito ocupada. Não tenho tempo para o senhor», respondeu ela.

Muito parecida com outra história que se conta em Manguinhos até hoje.

LUTZ está doente e J. PINTO o fotógrafo vai visitá-lo.

PINTO então, pergunta pela saúde. LUTZ responde que já está quase bom.

— *E a família?*

Responde que está bem. Então pergunta pela saúde e a família do visitante. É informado que também vão bem. LUTZ então levanta-se e entrega o chapéu ao fotógrafo:

— *Agora PINTO, você vai embora. Nós já dissemos tudo que tínhamos a dizer, e eu preciso descansar um pouco.*

Penso que foi também professor. A sua maneira, direta ou indiretamente, influenciou muita gente. É o que se lê, nos depoimentos dos que o conheceram. E isso é que é ser professor. De fato.

\* \* \*

LUTZ e OSWALDO são duas personalidades fortes. Mas são complementares, são diferentes. Por isso se entendem. Se admiram.

Os jovens quando passavam pela porta do laboratório de LUTZ, à direita da entrada principal, onde hoje é o Gabinete do Diretor do Instituto, falavam baixo. Não sei se por respeito ou por medo da repreensão, que era imediata. Talvez pelas duas razões.

CARLOS CHAGAS cita o depoimento de ASHFORD: «*E no entanto sob o exterior rude, tem um coração de pura generosidade*»...

Enquanto OSWALDO dirige, LUTZ atua no laboratório, desenvolve seus trabalhos de pesquisa. Era exemplo.

Muito se tem discutido as condições de êxito das instituições européias, quando trazidas para o trópico. É preciso se adaptar, se ajustar, senão fracassa.

Sobre OSWALDO já escrevi. A capacidade de sintetizar na sua personalidade complexa o europeu moderno — nos bigodes à Kaiser, na cartola alta, na gravata a príncipe de Gales — com as tradições da terra, senhor de engenho, homem de cá.

LUTZ também, à sua maneira, se ajustou. Entendeu o Brasil. Ficou e teve êxito.

Marcou uma geração. A que conviveu com ele. E as outras que vieram depois. Não é por acaso que as histórias do Dr. LUTZ continuam até hoje a serem contadas pelos corredores da Fundação. Até hoje ele fascina.

\* \* \*

NEIVA, discípulo e colaborador em vários trabalhos, escreveu:  
*«Procurei muitas vezes achar uma explicação para a impressionante soma de saber que ADOLPHO LUTZ conseguiu acumular em vários departamentos dos conhecimentos humanos.*

*Julgava encontrá-la em parte no fato de se ter formado na Suíça... no domínio que possuía de vários idiomas, nas longas viagens que fizera pelo estrangeiro, fatores esses que no entanto não explicavam tudo...*

*... Isso ocorreu porém, porque a avidez de investigar e aprender que o abrasava provinha principalmente, e esta é a mais natural das explicações, por ter sido um naturalista nato, condição que suscita nos portadores de tal dom, a sede perene de saber».*

Lembra uma história parecida. A do velho CANCIO, tio-avô do meu amigo ARLINDO FÁBIO. Era típico gaúcho de fronteira, alto, desempenado, que, vindo para o Rio à frente das tropas na revolução de 30, por lá andava de chapéu de aba larga, lenço no pescoço, botas, espora e trazia sempre um punhal na cava do colete.

Um repórter o entrevista e diz:

— *«General, o senhor que esteve entre os mais brilhantes soldados da revolução, que abandonou as suas terras; sua china, o seu lado, o seu pampa. Que correu riscos e tanto sacrifício fez, pretende agora voltar à paz de suas terras, ou vai dar mais uma cota de sacrifício, participando da nova organização do país?».*

Ao que ele responde, no seu linguajar truncado de fronteira:

— *“Ora, peleo porque me gusta pelear”.*

Muito obrigado.